

MÉTODOS PARA LUCAS

GREEN, Joel B. *Métodos para Lucas*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 168 p.

DIFERENTES MÉTODOS PARA A COMPREENSÃO DO EVANGELHO DE LUCAS

*Maria Cláudia Araujo**

A Bíblia tem sido e é hoje lida em várias definições
(GREEN, 2009, p. 4).

O editor Joel B. Green apresenta em *Métodos para Lucas* diferentes interpretações contemporâneas para a compreensão do Evangelho de Lucas, dentre elas estão a crítica histórica de Clare K. Rothschild (professora de teologia na Universidade de Lewis e editora da revista *Cristianismo Primitivo*); a crítica feminista de Turid Karlsen Seim (professora de Novo Testamento e Literatura dos Primeiros Cristãos na Universidade de Oslo); a crítica narrativa do próprio editor (professor de interpretação do Novo Testamento e membro do Decano Associados do Centro de Altos Estudos Teológicos); bem como uma perspectiva latina de Justo L. González (Ph.D. em Teologia Histórica pela Universidade de Yale).

Em uma introdução à leitura de Lucas, Green observa que o estudo contemporâneo desse evangelho tem seu ponto de partida com as publicações de Hans Conzelmann, no século XX, e pondera que apesar de os pilares de sua perspectiva terem sido derrubados por conhecimentos subsequentes, seu trabalho pavimentou o caminho para o que se tornaria a primeira composição e análise crítico-literária de Lucas. Conzelmann compartilhou esse papel com outros estudiosos da Bíblia, e um trabalho semelhante é o de Günther Bornkamm. Paralelamente à ascensão da redação crítica, relevante também foi o trabalho de Hans-Georg Gadamer, que chamou a atenção para a fusão dos horizontes do texto com os horizontes do leitor.

Na concepção de Green, o ensino superior, a educação do seminário e a pós-graduação em religião; a igreja que patrocina e beneficia setores de estudos bíblicos nos

* Mestre em Crítica Literária e doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Estados Unidos; e ainda o estilo analógico e informal de interpretação bíblica são realidades importantes, pois têm levantado sérias questões para os estudos tradicionais da Bíblia.

Segundo Green, relevante é ainda a reflexão sobre o pós-modernismo, que além de desafiar as noções de classificação e definição, tem por característica o reconhecimento de múltiplos interesses que influenciam os limites interpretativos da Bíblia, a qual pode ser entendida como um agregado de vários gêneros: narrativa histórica, poesia, cartas, oráculo profético, apocalipse, etc. E cada gênero, explica o editor baseando-se em Mikhail Bakhtin:²¹ “é uma maneira específica de se visualizar uma determinada parte da realidade” (p. 3).

Green ressalta que a pluralidade de formas literárias da Bíblia aponta para um pluralismo correspondente de interpretações. E os contextos variados para a leitura da Bíblia podem comportar uma variedade de abordagens metodológicas. Para o editor, esse ponto sobre as configurações múltiplas de interpretação merece ser expandido em outra direção, e não deve se restringir às categorias contextuais da igreja e da universidade.

Por que encontramos uma diversidade cada vez maior entre os povos [...] não deveríamos ficar surpresos pelas diversidades correspondentes aos interesses e necessidades de interpretação que as pessoas trazem consigo com a Bíblia — e, então, a diversidade concomitante de abordagens, através da qual os materiais bíblicos são acessados (GREEN, 2010, p. 5).

Por que deveríamos estar interessados no método? Pergunta o editor, assegurando que os interesses surgem devido à natureza dos materiais bíblicos, e acrescenta também os interesses variados e as necessidades dos leitores da Bíblia. Para Green, se tal situação tem potencial para gerar uma cacofonia de leituras, o método pode ser então uma forma de trazer um pouco de disciplina ao trabalho interpretativo. Ele acredita que os que se dedicam à leitura disciplinada da Bíblia não podem se considerar observadores neutros de um objeto textual, pois trazem seus motivos e suas histórias culturais.

Por outro lado, se a neutralidade não é uma opção, o mesmo não poderia ser dito da objetividade, que pode e deve ser a marca do estudo disciplinado da Bíblia. Por neutralidade, Green se refere aos preconceitos e palpites que norteiam o trabalho

²¹ Mikhail Bakhtin, “Theory of Genres,” in *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics* (ed. Gary Saul Morson and Caryl Emerson; Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1990), 271—305 (275).

interpretativo. Por objetividade, recorre a Thomas Haskell para afirmar que está relacionada à capacidade de autossuperação, no sentido de representar leituras e argumentos alheios com honestidade e justiça.

Green destaca que os estudos atuais do Novo Testamento oferecem uma verdadeira miscelânea de métodos interpretativos, dos quais quatro são exibidos no livro. O capítulo de Clare Rothschild demonstra como a crítica histórica começou. O de Turid Seim esboça o estado da arte da crítica feminista do Novo Testamento, demonstrando como o termo criticismo feminista não se refere a uma abordagem metodológica, mas a uma infinidade de críticas. No capítulo seguinte, o próprio editor argumenta que hoje os estudos críticos narrativos enfatizam como as narrativas estão relacionadas à crítica cultural, bem como implicam leitores variados. Para finalizar, Justo L. González fornece uma perspectiva latina da leitura de Lucas.

1. CRÍTICA HISTÓRICA

O método histórico-crítico, abordado por Clare K. Rothschild, engloba uma variedade de estratégias para suscitar o significado de um texto literário pré-moderno. Estas subespécies podem ser classificadas como texto, fonte, forma, redação, retórica e criticismo científico-social. Embora distintas, cada abordagem prioriza a análise comparativa de um texto em seu contexto histórico e literário, envolvendo aspectos culturais, sociais, políticos, religiosos e outros. Logo, sustenta a autora, uma investigação de textos cristãos a partir de uma perspectiva histórico-crítica implica um exame aprofundado de uma passagem, usando uma ou todas as técnicas críticas. Neste capítulo, a autora esboça o surgimento do método crítico na área dos estudos bíblicos e descreve a sua adequação para a compreensão do Evangelho de Lucas.

Em uma breve história do método histórico-crítico, Rothschild cita a *alta crítica* como o nome dado ao estudo da Bíblia como qualquer outro texto fantástico, pois ela foi composta por seres humanos durante fases particulares da história. Na Europa, a *alta crítica* foi desenvolvida a partir do século XVIII, até o início do século XX. Em contraste, a *crítica menor* foi a tentativa de compreender os textos bíblicos sobre a base da evidência interna. O estudioso holandês Erasmo (1466-1536) recebe crédito como o primeiro a estudar a Bíblia criticamente, ainda que muitos de seus métodos sejam identificáveis nos trabalhos de teólogos anteriores.

A crítica textual é uma subespécie de método histórico-crítico que trabalha com os textos gregos, e a autora pondera que nenhum de seus manuscritos provenientes do Novo Testamento foi escrito à mão pelo seu autor. Pelo contrário, todos os que restaram são cópias. O processo de cópia incorre em erros e, embora pequenos em sua maioria, as variantes intencionais por parte dos escribas e copistas podem alterar os sentidos dos textos. A avaliação cuidadosa dessas variantes dos manuscritos do Novo Testamento é conhecida como crítica textual, e essa avaliação é um meio exegético de reconstruir versões hipotéticas de documentos originais. Rothschild afirma que o método histórico-crítico já foi considerado o mais científico dos métodos, mas observa que hoje a crítica textual enfrenta um dilema, e cita Eldon J. Epp para argumentar que está sujeita a uma “perda de inocência” ao se confrontar com os limites do método. Ela acredita ainda que a crise se fundamenta no fato de que uma busca a textos originais seja inútil.

A autora faz considerações a respeito do sistema de classificação dos manuscritos do Novo Testamento e compara os papiros com os pergaminhos. Uma outra consideração relevante é que os manuscritos não são classificados apenas pelo tipo de material em que foram escritos, mas também pelo tipo de escrita, isto é, as escritas unciais (letras maiúsculas) e a escrita cursiva (letras minúsculas). A Septuaginta — nome da versão da Bíblia hebraica, traduzida para o grego coíno —, os códex unciais e os aspectos conservadores (literais) e liberais (paráfrases) das traduções bíblicas são também destaques na abordagem de Rothschild.

A fonte crítica é outra importante subespécie de método histórico-crítico, segundo a autora, pois está diretamente relacionada a questões como: quem escreveu o texto, quando, onde e para quem ele foi direcionado. O estudioso alemão Julius Wellhausen (1844-1918) desenvolveu um método pioneiro para resolver algumas destas questões relacionadas ao meio histórico-literário. O método é utilizado para analisar as fontes escritas por trás dos textos reconstruídos pela crítica textual. Um exemplo é que Mateus, Marcos e Lucas compartilham um esquema e conteúdo semelhantes. Essas relações compõem a denominação dos “problemas sinóticos”. Segundo a autora, por intermédio da fonte crítica a maioria dos estudiosos acredita que o Evangelho de Marcos, o mais curto dos três evangelhos, foi uma fonte para Mateus e Lucas. Essa teoria é conhecida como prioridade de Marcos, e além desta existem outras, mas a autora observa que nenhuma teoria fornece uma solução totalmente adequada para o problema sinótico, pois cada nova hipótese traz consigo novas dificuldades.

O criticismo da forma é também um método de crítica bíblica, e classifica as unidades da escritura de acordo com os padrões literários e as tentativas de rastrear cada unidade do seu contexto histórico em uma fase oral. Como foram estudadas as tradições orais em textos escritos? Questiona a autora, e a hipótese é a de que os primeiros críticos estavam interessados, primeiramente, em três assuntos: pequenas unidades individuais e isoladas de textos conhecidos como perícopes (que em grego significa “um recorte em torno de”), e tais unidades podem representar histórias, provérbios, hinos, aforismos, parábolas, alegorias, anedotas, etc. Estas unidades são analisadas fora do seu contexto literário, explica a autora, e muitas vezes através da comparação com formas semelhantes. Em segundo lugar, há um interesse pelo contexto histórico referente às respectivas formulações e configurações e, finalmente, os críticos estavam interessados na evolução das formas, que implicam mudanças ocorridas ao longo do tempo. A forma crítica tomou então um novo rumo na atualidade, graças aos estudos do alemão Klaus Berger, que trata de conectar a recepção, o efeito e o impacto de um dado texto do Novo Testamento sobre as comunidades cristãs, com sua forma e conteúdo.

Segundo Rothschild, a crítica de redação procura entender a reformulação das tradições escritas (fonte e forma) por via oral, para novas aplicações. Em uma analogia a um colar de pérolas, se as formas são pérolas, a redação é a cadeia. O termo crítica de redação foi cunhado por Willi Marxsen, para se referir a um método de estudo que investiga a forma que os escritores bíblicos reformularam suas fontes para criar por conta própria.

A crítica retórica, que também é uma subespécie de método histórico-crítico, identifica antigas formas retóricas e figuras em textos do Novo Testamento, como um modo de melhor compreender o argumento do texto. De acordo com a autora, hoje, este método tem duas formas diferentes. A primeira, relacionada à crítica retórica antiga, tem raízes no século XVIII e ostenta traços em comum com a crítica de forma tradicional. Seu objetivo é identificar e analisar o uso das antigas formas retóricas e as figuras em textos cristãos. Uma segunda forma de crítica retórica está interessada em analisar textos cristãos de acordo com os princípios da retórica moderna. E como os textos cristãos são pré-modernos, no entanto, muitos historiadores rejeitam a aplicação das categorias modernas de investigação. E apesar de existirem certas semelhanças com ênfases da retórica moderna (por exemplo: a argumentação, a intencionalidade do texto,

o contexto histórico e social da composição, e recursos estilísticos), os argumentos da crítica retórica antiga são baseados em fontes antigas.

Rothschild afirma que a crítica científico-social está voltada para aspectos das tradições orais das comunidades cristãs primitivas, a exemplo dos estudos dos hinos e orações, que provavelmente eram mais preservados nos cultos, além de outras questões sociais. Em contraste, uma nova geração de historiadores do Novo Testamento emprestaram modelos desenvolvidos para a compreensão de diversos arranjos sociais modernos, na esperança de iluminar as evidências antigas sobre os primeiros cristãos. A autora pondera, no entanto, que essas informações são ainda muito limitadas para que se possa fazer o uso eficaz de modelos sociológicos. Contudo, outras informações podem ser úteis na análise de textos antigos, a exemplo das de James A. Kelhoffer, e de seu método que se estende além das ferramentas tradicionais do texto.

A arqueologia não é uma subespécie do método histórico-crítico, mas é mencionada por Rothschild pelo fato de ser considerada a base do método. Duas descobertas durante o século XX foram de especial importância para o estudo do cristianismo primitivo, a primeira é a dos manuscritos judeus do Mar Morto, encontrados em 1947 em Qumran, perto do Mar Morto; a segunda são as do Egito, em 1945, e que estão na Biblioteca de Nag Hammadi. Segundo a autora, todos esses últimos são referidos como gnósticos.

Para concluir a explanação sobre as subespécies de métodos histórico-críticos mencionadas nesse capítulo, a autora afirma que essas não são as únicas ferramentas para a interpretação do Novo Testamento. Rothschild faz uma breve análise textual do Evangelho de Lucas (20: 45 — 21: 4), aplica o método histórico-crítico e tenta demonstrar sua eficácia. Ela considera aspectos exegéticos do texto, bem como todas as subespécies de métodos citadas anteriormente.

2. CRÍTICA FEMINISTA

Turid Karlsen Seim constata que o Evangelho de Lucas é questionado por intérpretes feministas, pois as concepções não são apenas diferentes, mas marcadas pela contradição. Os primeiros estudos feministas são positivos e enfatizam o elevado número de mulheres mencionadas na narrativa; no entanto, uma avaliação mais austera afirma que esse evangelho se valeu de uma estratégia retórica pela qual as mulheres eram restritas ao silêncio e à subserviência.

Segundo a autora, alguns críticos sustentam que o Evangelho de Lucas comemora o discipulado das mulheres, ostenta autodeterminação e liderança, ao mesmo tempo em que anuncia uma reversão das desigualdades sociais; ao passo que para outros o evangelho não comporta todas essas qualidades. E ainda que tais discordâncias sejam extremamente opostas, Seim questiona se os intérpretes estão igualmente comprometidos com a causa comum da crítica feminista, em relação à mesma fonte, e se um meio-termo é possível.

A crítica feminista em Lucas aponta para as múltiplas e contraditórias leituras que advêm de um único texto, e possibilitam uma reflexão sobre o fato de que o feminismo traz em si uma pluralidade de posições possíveis. A autora constata, com base em pesquisadores contemporâneos, que esse pluralismo se dá devido às circunstâncias históricas, às alianças políticas e teológicas, às identidades sociais, às instituições e aos interesses intelectuais. Seim entende que há na crítica feminista um interesse ativo no descentramento da noção de uma interpretação singular e, conseqüentemente, no desenvolvimento de uma estratégia de múltiplas leituras de uma mesma passagem. Ela afirma que a crítica feminista tem como objetivo revelar e superar as estruturas de poder androcentristas que marginalizam a mulher, e que a crítica nasce não só da luta por essas superações, mas também é alimentada por uma visão de justiça e igualdade.

Na concepção de Seim, a crítica feminista não ostenta uma posição singular e monolítica, devido à variedade de abordagens, de metodologias e de alianças que faz com os métodos histórico-críticos; com a crítica social; científica; pós-colonial; literária ou narrativa, e não abdica de um exame minucioso das escrituras, por meio de estratégias de leitura. Para a autora, a crítica feminista compreende não só uma adaptação metodológica mas também uma pluralidade de posições teológicas, e contribui para a libertação das mulheres dos estereótipos que determinam o que é ser feminino, ou o que é a experiência feminina.

Seim afirma que a introdução do gênero como categoria analítica tem ajudado a demonstrar o seu significado estrutural quase universal, e que estudos de gênero pós-estruturalistas têm desafiado a estabilidade das categorias que caracterizam as pessoas, do mesmo modo como se esforçam para desconstruir as estruturas de poder que definem a “normalidade”. Por outro lado, diz que qualquer investigação interessada na categoria “sexo” tem de levar a sério os termos “homem” e “mulher”.

Quanto à hermenêutica, a polaridade de posições feministas sobre o Evangelho de Lucas exemplifica um padrão mais abrangente de interpretação. Seim afirma que a crítica feminista tem se desenvolvido em várias fases distintas, e cada uma das quais deixou vestígios do seu repertório metodológico, resultando em uma infinidade complexa e diversificada de avanços interpretativos simultâneos, com resultados diferentes e também conflitantes. Os primeiros estudos em erudição bíblica feminista, que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970, tinham por objetivo descobrir imagens positivas das mulheres na Bíblia, e essa abordagem, que resultou em modelos positivos de identificação, representa uma hermenêutica de recuperação. A qual, no entanto, ainda carece de senso crítico e é passível de ser corrigida. Seim cita o trabalho de Barbara Reid sobre as mulheres, no Evangelho de Lucas, como protagonistas e não como vítimas. Reid entende que essa recontextualização libertadora das histórias sobre as mulheres, no Evangelho de Lucas, viabiliza um novo significado, através de uma desconstrução textual que viabiliza uma reconstrução a ser utilizável pela igreja na atualidade.

Seim afirma que no sistema bíblico patriarcal ou consciência androcêntrica, a presença das mulheres é instrumental, pois elas não existem por si mesmas, mas como uma ilustração que aponte para outra coisa, assim, sua importância é secundária, referencial e sem espaço para a subjetividade. A autora traz conceitos do pós-estruturalismo e se pauta em posições pós-modernas para discutir o papel da mulher como sujeito agente, no contexto bíblico.

A polivalência da narrativa é uma característica do Evangelho de Lucas, na medida em que os textos narrativos são marcados pela polifonia, permitem e incluem várias vozes contraditórias. As narrativas, portanto, prestam-se a servir como um teste para mudanças de perspectiva. Seim afirma que na obra de Brigitte Kahl, sobre o Evangelho de Lucas, a autora se baseia em sua experiência de padrões de comunicação na antiga República Alemã, para explorar a hipótese de como um texto produzido sob qualquer censura interna ou externa revela uma narrativa autocontraditória. Para Kahl, as palavras escritas nessas condições podem implicar codificações textuais. Seim tece considerações sobre a hermenêutica da conspiração, dupla mensagem e dupla conotação, e também sobre sua própria leitura, que enfatiza a ambiguidade.

Diversidade, complexidade e interseccionalidade são também conceitos discutidos na crítica de Seim, que questiona o interesse pelas mulheres no Evangelho de

Lucas, uma vez que essa narrativa as apresenta em número maior do que em qualquer outro texto do Novo Testamento. O Evangelho de Lucas, de acordo com a autora, é de fato uma narrativa que abre possibilidades para a polifonia e para ambiguidades, pois embora conte uma história, apresente uma sequência de eventos ou enredo, cujos episódios individuais têm lugar numa fase especial na narrativa, e ainda que raramente a ordem seja arbitrária, a narrativa não é um sistema estável, mas propõe um movimento complexo, que envolve discordâncias e contradições, em razão das vozes polifônicas no decurso da narrativa.

Seim analisa Lucas 21: 1-4, cuja passagem se refere à oferta da viúva, trata de trazer olhares feministas e interpretações atuais para o episódio, e constata que essa história também tem o seu grau de ambiguidade. Ela pode ser entendida como um lamento, pelo fato de Jesus condenar as atitudes dos escribas, nos versículos anteriores à essa passagem. Assim, a viúva pobre é concebida como uma vítima e não apenas como a figura exemplar dos textos tradicionais. A autora cita outras viúvas na narrativa de Lucas, e afirma o caráter ambíguo que há também no conceito de viuvez, pois ainda que o Judaísmo sustentasse um sentimento de piedade para com a viúva, ela tinha uma liberdade maior do que jamais poderia ter tido como menina, jovem ou esposa. A viúva tinha o direito de ser consultada em questões referentes à sua própria vida, bem como estava autorizada a decidir sobre assuntos matrimoniais. Seim destaca ainda outros aspectos subversivos da narrativa de Lucas.

3. CRÍTICA NARRATIVA

Joel B. Green faz uma distinção entre narratologia (relacionada ao estudo da natureza, forma e funcionamento do texto) e crítica narrativa (que supõe uma constelação de interesses e práticas variadas, bem como requer o cuidado na construção de um método), e situa o surgimento desta última na década de 1980. Segundo o autor, no início, o estudo da narrativa foi voltado para a autossuficiência dos textos. Assim, presumiu-se que o texto fosse a única fonte privilegiada de sentido à disposição do intérprete, apenas por meio de cuidadosa atenção à sua linguagem e estrutura, sem levar em conta as preocupações de natureza histórico-social. Green pondera que hoje, na esfera da narratologia, não existe muita clareza nas fronteiras que delimitam autor, texto e leitor.

Green cita alguns autores que se destacam nos estudos narrativos. Em 1981, Robert Alter publicou *A arte da narrativa bíblica*, e questionou os papéis das personagens na Bíblia hebraica, sua caracterização, como as cenas são compostas, qual é a importância da repetição em textos narrativos, e o que o narrador diz ao leitor. David Rhoads e Donald Michie consideraram que o Evangelho de Marcos, entendido como um todo narrativo, está cheio de conflitos, suspenses, enigmas e significados ocultos. Com base nessa reflexão, Green questiona a leitura dos evangelhos acatadas como histórias, e vai desenvolvendo comentários sobre o evangelho de Mateus, as parábolas encontradas em Lucas, bem como chama a atenção para aspectos relevantes de Atos dos Apóstolos.

Para Green, se a igreja tem expressado pouca preocupação com os evangelhos enquanto narrativas, é possível que o fato se explique devido aos interesses hermenêuticos tradicionais, que se voltaram mais para as formas narrativas da biografia ou da historiografia. Na concepção do autor, a harmonia de um único evangelho reduz o múltiplo e propõe uma narrativa simples, ao invés de quatro. Assim, a narrativa simples e harmônica tem antes uma função teológica, ao passo que a narrativa múltipla propõe uma complexidade, devido à polifonia das vozes narrativas. Green afirma que na segunda metade do século II, Taciano acatou os textos dos quatro evangelistas como um mosaico, uma estrutura narrativa única, no entanto, apesar desse olhar múltiplo, os impulsos eram para a harmonização contínua. No século XVII, calvino também comentou sobre os evangelhos sinóticos, mas de forma sintética, ignorando o caráter individual das narrativas.

Green nota que a obra de Joseph Fitzmyer, concluída em 1985, foi a que marcou o auge dos estudos críticos sobre o evangelho, em mais de mil e seiscentas páginas de erudição. Johann Philipp Gabler é também um estudioso fundamental nos estudos bíblicos que regem a crítica da era moderna, além de Edgard Mcknight, que classificou as unidades dos evangelhos de forma literária e teorizou sobre o que é a crítica da forma.

Com o destronamento da crítica histórica, surgiram novos questionamentos na esfera da crítica narrativa dos evangelhos, no entanto, Green supõe que seria um erro entendê-la como se o seu papel fosse meramente apreender o texto como uma espécie de recipiente fechado de significados, e aponta quatro razões para justificar seu argumento: (1) Os evangelhos e os Atos são narrativas dentro de narrativas; (2) Tanto

na perspectiva teológica quanto na crítica referente aos gêneros, os evangelhos e os Atos são narrativas que implicam referências históricas; (3) A narrativa não é apenas uma história de ação, mas também — conforme coloca James Phelan — “a narração de uma história de alguém para alguém, em alguma ocasião, com algum propósito.”;²² (4) Os evangelhos e atos são textos abertos, e ambos convidam e requerem a participação de seu público.

Green explica que quando se trata de definir “narrativa”, a princípio, pode-se pensar no termo *Homo Narrans Narrandus*, de Anne Foeret, visto que o ser humano conta histórias para dar sentido ao mundo e para formar identidade pessoal e comunitária, dentro de um sistema cultural. Logo, falar de passado, presente e futuro, já não é tanto uma declaração sobre o método exegético, mas sim sobre a narratividade como um aspecto essencial de nossa compreensão da natureza e da identidade humana. Em segundo lugar, a autora cita a poética de Aristóteles para falar do todo narrativo, com seu começo, meio e fim. Em terceiro plano, ela entende que a narrativa é uma apresentação especial de uma história, e cita Seymour Chatman para fazer a distinção clássica entre *história* e *discurso*, isto é, entre *o quê* e *como*. Para finalizar a definição, observa que existem diversas correntes e contracorrentes dentro de uma narrativa. Quanto aos elementos, eles podem ser classificados como: sequência, encenação, horário, caracterização, perspectiva, informação privilegiada e intertextualidade.

O autor faz uma leitura de uma narrativa de Lucas 16: 19-31, bem como sobre o aspecto da caracterização nesta passagem e, por fim, duas ponderações sobre a audição nas escrituras. Primeiramente, tece considerações sobre o que foi dito pelos patriarcas Abraão e Moisés; em seguida, observa o papel de Jesus e dos fariseus.

4. UMA PERSPECTIVA LATINA

Justo L. González faz considerações sobre a prioridade do método, em uma interpretação bíblica, e observa os critérios latinos de metodologia. Segundo o autor, para a mentalidade moderna, faz mais sentido passar do geral ao particular, da teoria à prática ou do método à aplicação, basta que se observe a própria estrutura deste livro, *Métodos para Lucas*, no qual cada autor expõe seus pressupostos teóricos e

²² James Phelan, *Narrative as Rhetoric: Technique, Audiences, Ethics, Ideology* (Columbus: Ohio State University Press, 1996), 8. See further, David Lowenthal, *The Past Is a Foreign Country* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985.).

metodológicos, a fim de que em seguida as análises do Evangelho de Lucas sejam um exemplo ilustrativo sobre como o método funciona.

González constata também que esses procedimentos aparentemente neutros, da interpretação bíblica, e universalmente aceitáveis, muitas vezes implicam valores e abordagens nem tão neutros quanto parecem. Neste caso particular, referente à discussão entre método e aplicação, a estrutura sugerida implica que o primeiro preceda a prática, logo, que primeiramente os estudos devam decidir quais procedimentos serão empregados na leitura da Escritura, aplicando-os a textos específicos. A abordagem do geral favorece-se, então, sobre o particular; e a teoria sobre a prática, uma vez que a primeira é determinada antes da segunda.

Embora esta abordagem normativa tenha sido o critério de várias disciplinas ao longo da modernidade, especialmente na esfera teológica, existem outras “rotas alternativas” que fogem à regra, e permitem que as pessoas pratiquem pelo menos alguns aspectos do seu ministério, enquanto prosseguem em seus estudos. Na igreja latina, diz o autor, somente um percentual muito pequeno de pastores costuma frequentar um seminário e apenas uma fração segue a rota supostamente normativa de estudos, antes do ministério.

González é protestante e dá o exemplo de si mesmo, pois afirma que quando saiu de Cuba e seguiu para os Estados Unidos, como um imigrante, sabia que sua experiência anterior com as escrituras era diferente, e ele sempre era criticado por ser um protestante. Nessas ocasiões, tratava de responder ao confronto com a Bíblia, já que havia aprendido a utilizá-la como um instrumento para evangelização. E, mais tarde, quando começou a pregar, deixava claro que estava falando em nome da Bíblia e não em defesa de causa própria. Assim, ainda que sua postura hermenêutica fosse distinta das dos demais, geralmente concordava com todos sobre a necessidade de reinterpretar as escrituras.

Além das considerações biográficas, González esclarece que o fato de contestar uma abordagem normativa, que privilegia o geral, não significa que não haja lugar para a reflexão metodológica, pois o método é crucial, embora nem sempre seja o único ou o melhor ponto de partida. O autor observa ainda que não é verdade que a maioria dos latinos seja fundamentalista, já que o fundamentalismo nasceu de uma reação ao liberalismo e tem os sinais de sua origem, particularmente, na combatividade. Por outro lado, os fundamentalistas típicos parecem ser mais presos aos escritos bíblicos ou

religiosos. Na concepção de González, um estudioso da Bíblia precisa entender que toda leitura é uma interpretação, que implica muitos métodos hermenêuticos possíveis, de modo que privilegiar o método geral sobre a leitura concreta falsifica a experiência bíblica.

González cita Juan Luis Segundo para descrever o processo denominado “círculo hermenêutico”, que é dividido em quatro partes. Em primeiro lugar, a forma de viver a realidade leva a pessoa à suspeita ideológica. Em segundo, não há aplicação da suspeita teológica em toda uma estrutura teológica. Em terceiro, uma nova maneira de experimentar a realidade teológica conduz a pessoa à suspeita exegética, ou seja, à suspeita de que a interpretação dominante da Bíblia não tomou importantes peças de dados em consideração. E em quarto, tem-se com a nova estrutura hermenêutica uma nova forma de interpretar as escrituras, fonte de fé, bem como novos elementos à disposição.

A interpretação da Bíblia em conjunto é também uma preocupação de González, para o qual essa característica é latina. Ele critica ainda os pressupostos referente à raça e racismo nos Estados Unidos, e constata que raça não é uma realidade objetiva, mas construção social, muitas vezes empregada por alguns para reivindicar a superioridade sobre outros. No caso dos latinos, diz o autor, “economia, cultura e raça” são fontes de marginalização. A partir dessas considerações, González chama a atenção para os aspectos sociais do evangelho de Lucas.

O autor constata que Lucas-Atos tem um tom subversivo, que questiona a ordem e anuncia um mundo melhor. E se o termo subversivo soa a segredo ou conspiração, talvez fosse melhor falar das reversões ou inversões que atravessam a literatura de Lucas. A subversão, nesse evangelho, tem a ver não apenas com a ordem econômica — ricos e pobres — mas também com distinções culturais, estatuto jurídico, sexo, cultura, e todos os meios usuais pelos quais as pessoas justificam a opressão sobre os outros. Um exemplo de contestação é o Magnificat, de Lucas 1:51-53. Por fim, González rastreia aspectos subversivos do evangelho, constata as características de inversão nas Bem-aventuranças de Lucas 6: 21-26 e em algumas parábolas, e tece considerações ideológicas sobre riqueza e pobreza, indo além da tradição canônica.

5. PONTUAÇÕES

O livro *Métodos para Lucas* mostra, com clareza e objetividade, que o Evangelho de Lucas é suscetível a um estudo por meio de abordagens modernas e variadas, e não deve se restringir a uma hermenêutica monológica e unívoca. O método histórico-crítico é um sólido instrumental teórico e Clare Rotschild comprova a eficácia das subespécies desse método, que é indispensável na interpretação das escrituras bíblicas.

Turid Seim denota, em sua análise sobre a ambiguidade do Evangelho de Lucas, que não é possível mais conceber a Bíblia apenas sob uma perspectiva tradicional fixa, pois embora os dois mil anos de tradição hermenêutica possam e devam ser respeitados como um patrimônio precioso e coerente, a modernidade difunde e clama por novos olhares na interpretação do Novo Testamento, a partir do pressuposto de que muitas lacunas bíblicas ainda podem ser preenchidas.

O editor Joel B. Green tem uma postura esquemática, um olhar minucioso que privilegia o referencial teórico e a fortuna crítica dos estudos bíblicos, bem como uma preocupação com a ordenação metodológica, para se chegar ao sentido mais fidedigno da narrativa bíblica, apontando ainda para a importância de seus elementos literários, como um critério essencial para o trabalho de desconstrução e recomposição de um texto evangélico.

Justo L. González faz uma ponderação sintética sobre a própria estrutura normativa do livro *Métodos para Lucas*, a fim de propor um contraponto entre abordagem normativa e os aspectos pragmáticos da teoria, no contexto da modernidade. A partir de sua reflexão, cabe-nos repensar sobre o papel da evangelização na atualidade, e de que modo o cânone tradicional da Igreja pode dialogar com as experiências dos livres-pensadores que interpretam a Bíblia sob outros critérios de abordagem, que implicam as chamadas “rotas alternativas”.

Se considerarmos a seriedade metodológica dos aspectos histórico-críticos da abordagem de Rotschild; a sensibilidade e o aspecto humano que privilegia a figura da mulher, na crítica feminista de Seim; a estrutura ordenada dos esquemas narrativos de Green; e a proposta inclusiva de González, que sugere uma integração sutil de experiências metodológicas e pragmáticas — para além de sua crítica, também sutil, contra o patrimônio hermenêutico milenar da tradição católica —, estamos diante de um

livro que, simplesmente, fornece-nos um excelente referencial metodológico e parâmetros eficazes de análise para um estudo do Evangelho de Lucas.